

# O ENUNCIADOR NÃO ASSERTIVO: UM ESTUDO SOBRE ATENUAÇÃO LINGUÍSTICA

---

**José Gaston Hilgert\***

**Resumo:** O presente texto situa-se no âmbito dos estudos da atenuação linguística. Seu objetivo é identificar, conceituar e analisar, nos limites de uma entrevista televisiva, as principais estratégias de atenuação usadas pelo entrevistado para se configurar como um enunciador atenuado. Entendemos a atenuação como uma estratégia enunciativa destinada à minimização do protagonismo do falante, seja pelo desfocamento ou apagamento do eu, seja pela modalização da força declarativa e veredictória de suas afirmações. O estudo mostrou que, na entrevista, a imagem do falante se construiu particularmente pelo segundo procedimento. Dois tipos de modalização se destacaram: a epistêmica e a meta-enunciativa.

**Palavras-chave:** Atenuação. Enunciação. Interação.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

■ **E**m situações de interação linguística face a face, em que o falante, por força da interpelação que lhe é feita pelo interlocutor, tenha de falar da instância do eu, seja falando de seu fazer em determinado campo de atuação, seja emitindo a sua opinião sobre o que lhe perguntam, dois tipos de discurso podem ocorrer: o discurso da *intensificação* do eu e o discurso da *atenuação* do eu.

As seguintes passagens de entrevistas ilustram esses tipos de discurso:

(1)

(E<sup>1</sup>) Quem são seus amigos... na política...

---

\* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: jose.hilgert@mackenzie.br

1 Roberto Cabrini.

(PM<sup>2</sup>) Ah, meus amigos... aqui no estado de São Paulo... dos 42 milhões de habitantes, cerca de 20 milhões gostam de mim... podem não votar em mim mas gostam de mim... [...] eu garanto que não tem nenhum político que fez a metade do que eu fiz, eu lanço o desafio... que fez a metade do que eu fiz (*segmento da entrevista feita por Roberto Cabrini com Paulo Maluf, em 15.10.2017, no Programa Conexão Repórter, do SBT*).

(2)

(E<sup>3</sup>) [...] em uma entrevista, algum tempo atrás, você se definiu como biólogo, e não como escritor, e disse que o mundo da literatura é uma espécie de uma casa que você visita de vez em quando, mas não mora lá. Eu fico me perguntando se essa casa você não está visitando cada vez mais frequentemente e se já não está no momento de mudar para ela.

(MC<sup>4</sup>) Eu estou já em uma situação em que não sei qual casa é a minha casa de moradia, não é? Mas para mim o importante é ter essa possibilidade de estar dentro e fora da escrita. De estar fora da escrita no sentido de se deixar invadir, quase se dissolver no mundo da oralidade. É nesse sentido que eu defino essa vivência, essa moradia, essa transumância entre a escrita e a oralidade. *Eu acho importante o escritor, de vez em quando, não ser escritor ou ser um não escritor, de maneira que ele possa definir a sua relação com a escrita não com o verbo “ser”, mas com o verbo “estar”*. Eu estou escritor porque mantenho, neste momento, essa relação criativa com a palavra (*Segmento da entrevista que constitui o objeto de estudo para este texto*).

Na primeira passagem (1), o falante atribui a si, ao eu, o protagonismo do fazer e concede importância e relevância a esse fazer; além disso, o falante imprime caráter assertivo a suas opiniões e pontos de vista. Essas características concorrem para a constituição de um eu intenso.

Já no outro caso (2), quando é dada ao entrevistado a oportunidade de se afirmar como escritor, ele o faz de forma atenuada. Identifica-se como “estando” escritor em determinadas situações e, em outras, mantendo-se fora desse estado, na medida em que se “dissolve no mundo da oralidade”, ou seja, em que vive a condição de não escritor. O eu falante, portanto, reduz o destaque a sua identidade de escritor, fato que se evidencia ainda mais na passagem em negrito. Note-se que, nela, Mia Couto não fala mais do “eu”, mas de um ele, o escritor. Esse recurso de minimizar o eu, desfocando-o numa atuação genérica que o inclua, é uma forma recorrente de atenuação do protagonismo subjetivo. Acresça-se a isso, ainda na referida passagem, o fato de o entrevistado dizer “*Eu acho importante*”. A expressão “eu acho”, como um modalizador epistêmico, como veremos, diminui o grau assertivo da afirmação por ele introduzida, fato que reforça a atenuação do eu do falante.

A intensificação e a atenuação são estratégias enunciativas que criam efeitos de sentido nos discursos e concorrem para configurar a imagem do enunciador. Neste texto, restringimo-nos a um estudo da atenuação linguística do eu e à correspondente construção de imagem do falante em respostas de Mia Couto a seus

2 Paulo Maluf.

3 Entrevistador da bancada do *Roda Viva*.

4 Mia Couto.

interlocutores, em entrevista dada ao programa *Roda Viva* da TV Cultura, em 7 de julho de 2007. Os temas da entrevista são a literatura e a cultura africanas<sup>5</sup>.

O texto se desdobra em duas partes: na primeira, apresentamos a noção de atenuação e as principais estratégias linguísticas comumente usadas para atenuar; na segunda, fazemos uma breve apresentação teórica de cada uma dessas estratégias, seguida de sua análise em passagens representativas da entrevista.

## A NOÇÃO DE ATENUAÇÃO

Quando se fala em atenuar, no âmbito das interações linguísticas, faz-se referência, em princípio, ao ato de o falante abrandar, amenizar, suavizar o que diz, seja imprimindo menor força ilocutória, menor grau de assertividade a seus enunciados, seja dando menos evidência, menos saliência ao protagonismo do eu no que diz. Segundo Briz e Albelda (2013, p. 285), a atenuação é

*[...] um mecanismo retórico para convencer, conseguir um benefício, persuadir e, ao mesmo tempo, para cuidar das relações interpessoais e sociais ou evitar que estas sofram algum tipo de menoscabo.*

Portanto, o falante quando atenua beneficia-se a si mesmo e a seu interlocutor. O benefício é próprio, uma vez que promove de si uma imagem positiva, favorecendo, assim, a aceitação de seus argumentos, princípios e crenças; e é do interlocutor, na medida em que este vê preservada a sua imagem e considerados seus pontos de vista. Nesse sentido, a atenuação estabelece equilíbrio e harmonia na conversa, quase sempre indispensável para que a interação evolua sem maiores transtornos.

Segundo Briz e Albelda (2013), as funções básicas gerais da atenuação são três: 1. a *autoproteção*, uma vez que o enunciado atenuado produz um efeito de minimização da responsabilidade em relação ao dito, além de atribuir ao falante e a seu ato de fala um caráter de “politicamente correto”; 2. a *preservação*, visto que a atenuação tende a resguardar, em princípio, a imagem positiva dos interlocutores, com evidência à do próprio falante, na medida em que ao perfil de enunciadador atenuado correspondem valores positivamente sancionados como equilíbrio, ponderação, respeito; 3. a *reparação*, sempre que a atenuação é desencadeada em razão de uma ameaça à imagem do interlocutor ou de uma intromissão em seu território próprio, ou em razão do abalo à imagem do próprio falante.

Quanto aos procedimentos ou “táticas” de atenuação mais comumente usados pelos falantes, Briz et al. (2014) destaca o desfocamento do eu e a relativização do dito. O falante desfoca o eu quando se impessoaliza ou se indetermina no discurso, evitando criar de si uma imagem de superioridade ou até de arrogância e assumindo em relação ao outro um modo de ser cortês e respeitoso. E o dito é relativizado quando o falante se esquia de dar caráter absoluto e definitivo à verdade de seu saber expresso nos enunciados, quando compartilha a responsabilidade por suas afirmações, quando admite questionamento a seus argumentos e pontos de vista.

5 Analisamos a entrevista transcrita em: <[http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/531/entrevistados/mia\\_couto\\_2007.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/531/entrevistados/mia_couto_2007.htm)>. Acesso em: 30 out. 2018.

No estudo que fizemos, constatamos que a atenuação do entrevistado se realiza pouco pelo apagamento do eu e tem notável evidência na relativização do dito, conforme documentaremos na sequência.

## OS PROCEDIMENTOS DE ATENUAÇÃO

### *O desfocamento do eu*

Em língua portuguesa, realiza-se o desfocamento do eu predominantemente pelas formas de indeterminação pessoal: pelo uso de *nós* tanto em situações em que o eu compartilha o seu protagonismo, ainda que principal e destacado, com coadjuvantes, quanto naquelas em que, em detrimento da saliência do eu, o falante se inclui num grupo ou categoria à qual pertence (*nós*, os escritores e não *eu*); pelo recurso ao *ele*, seja na forma do sintagma nominal *a gente*, seja por uma denominação genérica que inclua o eu (o *escritor* e não *eu*); pelo emprego da terceira pessoa do plural (*dizem*, *falam*, *contam*) e à passiva sintética (*organizaram-se* muitos debates e não *eu organizei*).

Observemos algumas passagens da entrevista:

(3)

**E:** [...] eu gostaria de perguntar: *você* se considera, por assim dizer, um niilista eufórico ou um pessimista com uma noção subjacente de algo de sagrado?

**MC:** Olha, eu acho que, dizendo *como o Agualusa costuma dizer*: “Em um país com tanta miséria, ser pessimista é um luxo” [risos dos entrevistadores]. *Temos* que ser otimistas mesmo.

(4)

**E:** *Mia*, eu gostaria de saber a relação da sua experimentação de linguagem – *você* até me faz lembrar muito de Guimarães Rosa – com a diversidade cultural moçambicana. Em que sentido *você* costuma dizer que essa cultura moçambicana, essa diversidade cultural, pode ser uma boa lição para o mundo. Eu queria saber em que sentido *você* acha isso exatamente, e a relação disso com a *sua* linguagem.

**MC:** Olha, no sentido em que eu, em Moçambique, tenho que funcionar como uma espécie de tradutor, não de tradutor de línguas, mas de tradutor de almas [...] eu acho que *a condição de escritor* tem de ser esta: não só pôr em ligação essas culturas, como os tempos. [...]. E *o escritor* tem, de fato, uma missão, eu acho que *o escritor* não tem tantas missões como *ele* pensa [risos dos entrevistadores], mas provavelmente aqui está alguma coisa que *ele* pode fazer, que é convidar a visitar esse tempo, sem sentimento de culpa, sem o dedo acusatório [...].

(5)

**E:** Você me falou que o livro que você sofreu mais para escrever foi o *Terra sonâmbula*, me falou ontem lá na pousada. E você fala agora em solidão, você não quer ser escritor o tempo todo. É penoso para você escrever, é uma atividade penosa?

**MC:** Não, não, não. Eu não sou masoquista [risos]. Eu escrevo com grande prazer. O momento da criação é o momento em que *nós*, digamos assim, *inventamos*

um universo em que aqueles personagens são *nossa família*, estão vivos, estão *nos* dizendo coisas. Esse momento é de uma felicidade extrema. Eu faço outras coisas, a biologia para mim é um prazer de fazer. Mas a paixão, a grande paixão é a escrita.

Veja-se que, na passagem (3), ainda que o entrevistador se dirija explicitamente ao entrevistado (você) na pergunta, ele se esquivava de responder em primeira pessoa, dando como resposta à pergunta o dizer de outro, uma terceira pessoa (como o *Agualusa* costuma dizer). E, logo na sequência, quando poderia se afirmar em primeira pessoa, mantém a indeterminação com *nós* (*Temos* que ser otimistas mesmo).

Na passagem (4), novamente a pergunta do entrevistador oferece claramente ao entrevistado a possibilidade de responder em primeira pessoa. Ele o faz no início de sua resposta, mas, logo adiante, ao dizer “a condição de escritor”, mais uma vez evita a menção do eu (*minha* condição de escritor) em favor de um *ele*, escritor, denominação genérica que o inclui. E, na sequência da resposta, mantém essa indeterminação, quando diz “E o escritor tem, de fato, uma missão...”; “eu acho que o escritor não tem tantas missões como *ele* pensa”; “mas provavelmente aqui está alguma coisa que *ele* pode fazer”.

Na passagem (5), mais uma vez o entrevistado é interpelado por “você”, o que pressuporia uma resposta em primeira pessoa. Efetivamente o entrevistado assim procede ao início de sua fala (“*eu* não sou masoquista”; “*eu* escrevo com grande prazer). Na sequência, no entanto, ele assume a primeira pessoa do plural (*nós*), unindo-se, então, a seus pares, os escritores: “*nós*... inventamos”; “aqueles personagens são *nossa família*”; “estão *nos* dizendo coisas”.

Esses exemplos de indeterminação do eu do falante, vistos isoladamente, talvez não assumam um real peso na construção de um enunciador atenuado. Para que se possa configurar essa imagem do entrevistado com base nas informações da entrevista, os dados apresentados precisam ser somados a outros recursos de atenuação, em particular os que determinam a relativização do dito.

## A RELATIVIZAÇÃO DO DITO

A análise da entrevista põe em evidência duas formas de o falante abrandar a força assertiva e veredictória de seus enunciados: a modalização epistêmica e a modalização metaenunciativa. Trataremos de cada uma dessas modalizações separadamente.

### A modalização epistêmica

A modalização epistêmica situa-se no âmbito do estudo geral da modalização dos enunciados. Neves (2018, p. 1335) define a *modalidade* no discurso como a

[...] categoria gramatical relativa à impressão da marca do sujeito em seu enunciado. Associa-se com a expressão de categorias como possibilidade, capacidade, necessidade, obrigação, permissão.

Em princípio, todo enunciado é, em alguma medida, modalizado. Enunciados não modalizados restringem-se ao plano lógico ou teórico-metodológico (NEVES, 2006). Em sentido estrito, há duas formas de modalização: a deontica e a

epistêmica. Têm caráter deontico enunciados da ordem do *dever*, tais como os que enunciam obrigação, permissão, proibição, necessidade, imprescindibilidade, volição. Já de natureza epistêmica são os enunciados da ordem do *conhecer*, manifestos na enunciação da certeza, da crença, da possibilidade, da probabilidade. Segundo Hoffnagel (1997, p. 14), “A modalização epistêmica se refere ao modo de uso da língua pelo qual se expressa uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição”. Ela é da ordem da opinião e da crença sobre os fatos. Os elementos linguísticos (substantivos, adjetivos, verbos, advérbios) que, na construção dos enunciados, apontam para uma ou outra dessas modalizações são os *modalizadores*, ora deonticos, ora epistêmicos.

Fixemos nossa atenção, aqui, nos modalizadores epistêmicos, já que são eles os principais responsáveis por imprimir ao entrevistado o caráter de enunciador não assertivo e, por isso, de perfil atenuado.

Observemos esta passagem da entrevista aqui em análise. Ao ser perguntado por que optara pela ficção, se demonstrava tanta paixão e apreço pela poesia, Mia Couto responde:

(6)

– *Eu não sei qual é a fronteira, pelo menos, entre aquilo que é poesia e a prosa. Eu, hoje, acho que eu mantenho, de fato... sou um poeta que visita histórias, que traduz esse tipo de linguagem, que é uma linguagem mesclada, entre a poesia e a prosa.*

O primeiro segmento em destaque revela, por parte do enunciador, certeza de seu saber, isto é, a certeza de não saber qual é a fronteira entre poesia e a prosa. Ele se mostra, portanto, assertivo em relação a seu conhecimento. Já no segundo segmento, ao dizer *eu acho*, revela-se menor assertividade, ou seja, o entrevistado admite não ter certeza de que é um “poeta que visita histórias” ou, ao menos, cria a imagem de um enunciador não assertivo, atenuado.

É essa imagem que pretendemos documentar nas passagens subsequentes:

(7)

**E:** [...] Eu queria começar pelo seguinte. Em uma entrevista, algum tempo atrás, você se definiu como biólogo, e não como escritor, e disse que o mundo da literatura é uma espécie de uma casa que você visita de vez em quando, mas não mora lá. Eu fico me perguntando se essa casa você não está visitando cada vez mais frequentemente e se já não está no momento de mudar para ela.

**MC:** [...] Eu *acho* importante o escritor, de vez em quando, não ser escritor ou ser um não escritor, de maneira que ele possa definir a sua relação com a escrita não com o verbo “ser”, mas com o verbo “estar”. Eu estou escritor porque mantenho, neste momento, essa relação criativa com a palavra.

(8)

**E:** Você é poeta, contista, ficcionista, é prosador. Você costuma ler crítica literária, gosta de crítica literária, tem alguma relação e conhece alguém aqui do Brasil?

**MC:** Sim. Não, do Brasil eu não conheço, mas leio crítica literária. *Eu acho que é importante o escritor manter uma relação de aprender... O escritor tem que encontrar escolas, tem que encontrar mecanismos de aprendizagem que questionem o seu próprio trabalho. Então eu acho que isso é importante.*

Muitas vezes, a crítica literária me fornece elementos que nós próprios não entendemos no nosso processo de criação.

(9)

**E:** Quer dizer: a crítica ajuda o escritor, em primeiro lugar, a crítica não serve tanto para o leitor, então?

**MC:** Eu concordo consigo. *Eu acho que*, provavelmente, aquilo é um diálogo mais a dois do que, propriamente, passe para um leitor...

(10)

**E:** Você é sócio-correspondente da Academia Brasileira de Letras. Você acha que o Brasil conhece a África, conhece Moçambique?

**MC:** Não. O que eu *penso* é que já posso dizer alguma coisa, *digamos assim*, não falando do Brasil, mas daquilo que eu tenho como percepção, é que Moçambique, para o cidadão comum brasileiro, não é nada. [...].

(11)

**E:** Aqui no Brasil, hoje, está se falando muito em ação afirmativa, em cotas para negros na universidade, em funcionalismo público, em emprego... está se comentando muito isso hoje. E naquele filme *Língua* você fala que “transformaram raça em cultura”. Eu queria que você falasse um pouco mais sobre isso, sobre essa transformação de raça em cultura.

**MC:** Olha, eu não posso falar do Brasil, aquilo que se passa no Brasil, eu não posso pensar sobre o Brasil, mas daquilo que eu entendo como uma política cultural que se defina a partir da raça. *Não penso* que seja – não só socialmente e historicamente – produtiva, mas também ela vai gerar outro tipo de mal-entendidos, portanto não lido bem com essa ideia de que se definam privilégios em função... ou desprivilégios, em função de raças. É preciso resolver as questões de base que geraram desigualdades profundas. Essas desigualdades têm que ser corrigidas, têm que ser resolvidas, mas não *penso que* seja possível, digamos, melhorar essa miséria... Nós vivemos em uma sociedade que gera desigualdades, que gera racismos e que gera discriminações. O fato de transformar o negativo em positivo não resolve, para mim. Não sei se eu respondi a sua pergunta, mas... Em Moçambique, é claro que essa questão se coloca de outra maneira, um país de maioria negra, tem um governo negro, tem essa situação, digamos, que resolvida.

Nessas cinco passagens (de 7 a 11), encontramos a modalização epistêmica expressa nas formas verbais *achar* e *pensar*, que se manifestam, na absoluta maioria de suas ocorrências, nas estruturas oracionais (*eu*) *acho que* e (*eu*) *penso que*. Na perspectiva da sintaxe tradicional, constituem essas estruturas a oração principal de períodos compostos, cujo complemento é uma oração subordinada objetiva direta. Do ponto de vista semântico, no entanto, a relevância recai sobre o enunciado complementar, que é, então, modalizado epistemicamente por aquelas estruturas iniciais.

Na entrevista toda, só houve dois casos em que *acho*, e um, em que *penso*, em sentido epistêmico, apareceram fora dessas estruturas, como se mostra em (7). Quanto à recorrência, o predomínio absoluto é da estrutura (*eu*) *acho que*, em 41 ocasiões da entrevista. A estrutura (*eu*) *penso que* só ocorre cinco vezes. Somadas essas ocorrências às outras três, em que as formas verbais não são

constituintes das referidas estruturas oracionais, verifica-se que o entrevistado atenuou a força veredictória de suas afirmações por esse procedimento de modalização epistêmica 49 vezes. É um número muito elevado para uma conversa de menos de duas horas. No conjunto da entrevista, essa recorrência produz um evidente efeito de falante prudente e cauteloso em suas afirmações.

Há contextos na entrevista em que se constata terem sido os modalizadores epistêmicos usados de forma calculada, como é o caso das três últimas passagens. Em (08), o modalizador “eu acho que” é, na imediata sequência, ratificado por outro de mesma natureza epistêmica, o advérbio *provavelmente*. Em (09), Mia Couto é categórico ao responder “não” à pergunta do entrevistador, mas, na continuação, imprime a sua fala um caráter cauteloso e até titubeante, começando pelo uso do modalizador epistêmico “eu penso”, seguido pelo modalizador metaenunciativo “digamos assim”, que, como veremos, ratifica a não assertividade do enunciado em curso. A razão dessa cautela – e isso fica perceptível no contexto desta resposta e de outras no decorrer da entrevista – é o fato de ele deparar com a necessidade de fazer uma afirmação sobre o Brasil e os brasileiros, ocasião em que atenua sua afirmação, evitando, assim, ameaçar a face positiva de seus entrevistadores, ouvintes e telespectadores. A atenuação, nessa situação interativa, envolve, portanto, uma postura de deferência e cortesia.

Na passagem (10) o entrevistado retoma a modalização com “eu penso”, reiterada, na sequência, pelo modalizador metaenunciativo “digamos”, que imprime à expressão subsequente um grau de possibilidade, de aproximação, de incerteza. E mais uma vez, esses recursos de atenuação se manifestam no contexto de uma referência ao Brasil, à realidade brasileira. Na verdade, é do turno inteiro que emerge o perfil de um falante precavido e um tanto inseguro no que afirma, como se pode atestar com o segmento quase ao final do turno: “Não sei se eu respondi a sua pergunta”.

Evidentemente há outras formas de modalização epistêmica usadas pelo entrevistado. Não são, no entanto, tão recorrentes e, por isso, não chamaram tanto a atenção quanto as que apontamos. Merece observação, nesse sentido, o advérbio modal *provavelmente*. Na entrevista toda, ele aparece em 16 ocasiões, sendo que, em 11 delas, a sua presença ocorre no mesmo contexto das estruturas com os verbos *achar* e *pensar*, ou seja, na companhia imediata ou muito próxima delas, como mostra esta passagem:

(12)

**E:** Quer dizer: a crítica ajuda o escritor, em primeiro lugar, a crítica não serve tanto para o leitor, então?

**MC:** Eu concordo consigo. *Eu acho que, provavelmente*, aquilo é um diálogo mais a dois do que, propriamente, passe para um leitor...

Fica evidente que o advérbio reforça a modalização já explicitada por meio de “eu acho que”. Ambos convergem na função de minimizar a força declaratória e veredictória do enunciado que introduzem.

### **A modalização metaenunciativa**

Outro fator que imprime não assertividade aos enunciados é o recurso do enunciador à operação metaenunciativa. Observemos esta resposta de Mia Couto a uma pergunta relativa à sua experimentação de linguagem, à moda Guimarães Rosa, no contexto da diversidade cultural moçambicana.

(13)

– Olha, no sentido em que eu, em Moçambique, tenho que funcionar como *uma espécie de tradutor*, não de tradutor de línguas, mas de tradutor de almas, *digamos assim*, de culturas, como um médium, e eu acho que o Guimarães Rosa funcionou muito como um médium entre aquilo que era uma cultura escrita, urbana e uma cultura rural, sertaneja. Ele atuou como essa ponte, como esse, *digamos assim*, contrabandista de valores de um lado para o outro.

As palavras e expressões em destaque são de natureza metaenunciativa, pois constituem um dizer sobre o próprio dizer do enunciador, uma enunciação sobre a enunciação, por isso, metaenunciativa. Ao dizer “*uma espécie de tradutor*”, o falante informa, à moda de um comentário, que está usando o termo “tradutor” como uma formulação possível, aproximada do que quer dizer. É esse segmento que é metaenunciativo, e o termo sobre o qual incide (tradutor) é seu escopo. Metaenunciativa é, então, a operação linguístico-discursiva por meio da qual o falante, no desdobramento da interação, se reporta ao *modo* de dizer o dito e não ao dito, ao modo de usar as palavras e não propriamente ao que elas dizem.

As formas metaenunciativas são “estritamente reflexivas” e “correspondem a um desdobramento no âmbito de um único ato de enunciação; há um dizer do elemento linguístico realizado por um comentário desse dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 84). Na metaenunciação o falante distancia-se, por um momento, do “conteúdo” e observa as palavras com as quais o expressou. Esse dizer sobre o dizer é obviamente inerente ao processo de produção dos sentidos, já que, por meio dele, o falante *modaliza* o seu dizer, manipulando e negociando o uso das palavras e papéis interacionais e, assim, instalando outro ponto de vista no processo da construção do enunciado.

Nesse sentido, a atividade metaenunciativa revela, em relação a seu escopo, “uma não coincidência”, na medida em que “o enunciador não se ‘faz uno’ no seu dizer, mas produz uma clivagem nesse dizer, distanciando-se de suas palavras, como um autocomentador de si mesmo” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 84).

A autora distingue quatro categorias de não coincidência com base nas funções distintas que as atividades metaenunciativas exercem no desdobramento da interação: a não coincidência das palavras consigo mesmas; a não coincidência do discurso consigo mesmo; a não coincidência interlocutiva; a não coincidência entre as palavras e as coisas.

A *não coincidência das palavras consigo mesmas* se mostra em situações em que o falante, depois de enunciar determinada palavra ou expressão, se volta a ela, numa operação metaenunciativa, para fixar-lhe o sentido e, assim, antecipar-se, possivelmente, a uma compreensão não desejada, ambígua ou equivocada. Esse procedimento decorre da própria natureza das palavras que são semanticamente abertas, imprecisas, incompletas, portanto dependentes de um trabalho de especificação de seus sentidos nos variados contextos de uso. A *não coincidência do discurso consigo mesmo* se evidencia por meio de procedimentos metaenunciativos que têm a finalidade de atribuir a seu escopo, ou seja, à palavra ou expressão a que se referem uma outra fonte enunciativa, ou, como diz Authier-Revuz (2004, p. 83), “assinalam, no discurso, a presença de palavras pertencentes a um outro discurso”. As ocorrências metaenunciativas que explicitam o fato “de que um elemento não é imediatamente ou não é absolutamente compartilhado – no sentido comum – pelos dois protagonistas da enunciação” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 83) atestam a *não coincidência interlocutiva*. Nelas o

enunciador, explícita ou implicitamente, estabelece um diálogo com o seu interlocutor sobre a propriedade ou conveniência do que foi ou vai ser inserido no curso da interação. Nesse sentido, o enunciador pode se desculpar ou pedir permissão para usar determinadas palavras ou expressões, tratar de determinados assuntos, fazer alusão a outros, ou ainda justificar certos procedimentos discursivos.

Por fim, há operações metaenunciativas que apontam para uma *não coincidência entre as palavras e as coisas*, na medida em que “representam as buscas, hesitações, fracassos, sucessos... na produção da ‘palavra exata’, plenamente adequada à coisa” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 83). Por meio dessas últimas operações o falante se manifesta, quase sempre de forma explícita, que, naquele momento, no aqui e agora da enunciação, não lhe ocorre a formulação apropriada, específica, para aquele ponto do percurso interativo; que está buscando essa formulação; que tem dúvidas e incertezas quanto à propriedade da denominação escolhida; ou que apresenta soluções aproximativas. Verifica-se, então, nessa modalização, uma incompatibilidade entre a palavra e a “coisa” a ser denominada. É este último tipo de não coincidências que está em foco neste estudo.

Analisemos algumas passagens da entrevista que registram operadores metaenunciativos dessa ordem. Inicialmente cabe registrar que, no todo da entrevista, o entrevistado realizou 51 operações metaenunciativas do tipo aqui em foco. Dessas, 37 constituídas pela forma verbal “digamos”; 13 pela expressão “uma espécie de”; e uma por “vamos dizer”. Em relação às primeiras, o elemento metaenunciativo pode ser constituído unicamente por essa forma verbal ou por ela acompanhada do advérbio de modo “assim” (digamos assim), conforme mostra, em seu contexto, a passagem a seguir:

(14)

**E:** Bem, eu queria saber... com tanta paixão pela poesia, essa própria questão com a oralidade, no fundo revela o seu apreço pela poesia. Por que você acabou optando pela ficção? Foi um desejo de falar com o público mais amplo ou você acha que a poesia continua presente da mesma forma em sua obra?

**MC:** Eu acho que não optei, nem fui optado, *digamos assim*. Eu acho que, a certo momento, eu pensei que, sendo um poeta e mantendo-me como um poeta, eu queria contar histórias e, *digamos*, desrespeitando essa fronteira, essa margem, que é muito tênue. Eu não sei qual é [a fronteira], pelo menos, entre aquilo que é poesia e a prosa. Eu, hoje, acho que eu mantenho, de fato... Sou um poeta que visita histórias, que traduz esse tipo de linguagem, que é uma linguagem mesclada, entre a poesia e a prosa...

O adendo adverbial enfatiza o caráter modalizador da forma verbal. Nas formas em que ele não aparece, pode-se considerá-lo implícito, como se pode observar na mesma passagem (14): “[...] eu queria contar histórias e, *digamos* (assim), desrespeitando essa fronteira [...]”.

A modalização pode incidir sobre um escopo lexical ou um enunciado mais complexo. Na entrevista, a absoluta maioria das modalizações incide sobre um enunciado, como mostra esta passagem:

(15)

**E:** O senhor sempre se refere à cultura e religião de matriz banto, na sua linguagem, enfim, na hora de criar as suas histórias. Eu queria que o senhor

contasse um pouco como é que foi conviver com essa cultura, sendo de uma minoria branca, e aproveitar para comentar como é a convivência de brancos e negros em Moçambique.

**MC:** Eu nasci em Moçambique, eu tive, *digamos assim*, uma educação dividida entre a casa e a rua. A casa era uma casa de influência portuguesa, obviamente, mas na cidade onde eu nasci, os portugueses não conseguiram expulsar, afastar a África, e a África estava ali mesmo, estava presente na rua, nos meninos que brincavam comigo. Eu, *digamos*, que aprendi logo aos cinco, seis anos, eu sabia falar uma língua de origem banto, cisena, e isso me permitiu um certo passaporte, eu escutava já os dois mundos, já me deixava enamorar pelos dois imaginários. Minha mãe é uma grande contadora de histórias, ela me fazia adormecer, mas eu, de uma certa maneira, preferia aquelas outras histórias que tinham mais intensidade, dos contadores de histórias que eu escutava em cisena, e, portanto, eu, *digamos*, que fui crescendo nessa combinação de mundos, e hoje não sei onde, dentro de mim, está um e outro, estão misturados.

Em (15), “digamos assim” incide sobre o sintagma “uma educação dividida entre a casa e a rua”; a seguir, “digamos”, sobre “eu sabia falar uma língua de origem banto, cisena”; e, por último, “digamos”, sobre a sequência final do turno.

Uma passagem da entrevista em que a metaenunciação unicamente incide sobre um elemento lexical é esta:

(16)

**E:** Mia, eu gostaria de saber a relação da sua experimentação de linguagem – você até me faz lembrar muito de Guimarães Rosa – com a diversidade cultural moçambicana. Em que sentido você costuma dizer que essa cultura moçambicana, essa diversidade cultural pode ser uma boa lição para o mundo. Eu queria saber em que sentido você acha isso exatamente, e [qual] a relação disso com a sua linguagem.

**MC:** Olha, no sentido em que eu, em Moçambique, tenho que funcionar como *uma espécie de* tradutor, não de tradutor de línguas, mas de tradutor de almas, *digamos assim*, de culturas, como um médium, e eu acho que o Guimarães Rosa funcionou muito como um médium entre aquilo que era uma cultura escrita, urbana e uma cultura rural, sertaneja. Ele atuou como essa ponte, como esse, *digamos assim*, contrabandista de valores de um lado para o outro [...]

Nos três casos, os operadores metaenunciativos têm como escopo um elemento lexical: “uma espécie de” modaliza “tradutor”; “digamos assim”, “tradutor de almas”; e novamente “digamos assim”, “contrabandista de valores”. Nos três casos, as operações metaenunciativas informam sobre seus respectivos escopos que eles são usados em sentido aproximativo e, até, metafórico.

Por fim, observamos também que, com frequência, os modalizadores metaenunciativos ocorrem em contextos em que já aparecem a modalização epistêmica e outras manifestações do falante buscando a formulação apropriada. Essa reunião de recursos numa mesma sequência de fala dá especial evidência a uma imagem atenuada do falante.

Exemplifiquemos esse fato na passagem (17), a seguir, na qual o entrevistado revela que vive um certo conflito entre o seu trabalho de escritor e a necessidade de se expor à mercantilização dos livros.

(17)

**MC:** *Eu acho que a alternativa funciona assim: essa relação que nós temos com o empenho da qualidade do trabalho que fazemos. E é aí que poderemos, digamos – eu vou usar uma palavra de que eu não gosto –, nós podemos vencer, podemos nos afirmar nisso que é o mercado. Ou funciona assim ou não vale a pena, por estratagemas ou artifícios para que o livro seja um produto divulgado, não me apetece isso, não quero.*

Observe-se que, em sua manifestação, o falante já inicia sua fala com um modalizador epistêmico (eu acho que) e, logo adiante, recorre à modalização metaenunciativa (digamos). Considere-se também, na sequência, a passagem “eu vou usar uma palavra de que eu não gosto”. Nela fica explícita a função do operador metaenunciativo “digamos”, que é a de informar sobre uma certa propriedade do a seguir será enunciado.

Pelo visto, então, ambos os modalizadores, os epistêmicos e os metaenunciativos, convergem para configurar uma fala atenuada e não assertiva.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atenuação linguística é o tema deste texto. O objetivo do estudo foi identificar, conceituar e analisar, nos limites de uma entrevista televisiva, as principais estratégias de atenuação usadas pelo entrevistado para construir de si a imagem de um enunciador não assertivo e, por isso, atenuado. Concebemos a atenuação como uma estratégia enunciativa destinada à minimização do protagonismo do falante, seja pelo desfocamento ou apagamento do eu, seja pela modalização da força declarativa e veredictória de suas afirmações. O primeiro procedimento não pôs em evidência a referida imagem. Coube essa função com notável destaque ao segundo, isto é, à modalização e relativização do dito. Dois tipos de modalização se destacaram: a epistêmica e a metaenunciativa. A modalização epistêmica, que definimos como o modo como o entrevistado relativizou a verdade de suas afirmações, realizou-se, especialmente, pelo uso recorrente das estruturas “(eu) acho que” e “(eu) penso que” somadas à forma adverbial “provavelmente”, muitas vezes usada no contexto imediato daquelas. A modalização metaenunciativa, definida como uma enunciação não sobre o dito, mas sobre o modo de dizer o dito, apresentou-se com destacada frequência nas formas “digamos” e “digamos assim” e, menos frequentemente, no recurso a “(eu) penso” ou “(eu) penso que” e à expressão “uma espécie de”. Esses operadores metaenunciativos revelaram um entrevistado cuidadoso na escolha de suas formulações, revelando, muitas vezes, não ter certeza da adequação delas e, por isso, atribuindo-lhes um sentido vago e indefinido. É com base na convergência recorrente da modalização epistêmica e metaenunciativa de enunciados do entrevistado que se pode concluir ser ele, nos limites da entrevista analisada, um enunciador atenuado por não ser assertivo.

### THE NON-ASSERTIVE ENUNCIATOR: A STUDY ON LINGUISTIC ATTENUATION

**Abstract:** The present paper is situated within the studies of linguistic attenuation. The main goal of this paper is to identify, define and analyze, within the boundaries of a TV interview, the main strategies of attenuation employed by

the interviewee in order to come across as an attenuated enunciator. Here attenuation is considered to be an enunciative strategy that minimizes the speaker's spotlight, whether by the defocusing or bleaching of the "self", whether by the modalization of the declarative force of assertions. This study shows that in the interview the image of the speaker is built mainly by the employment of the second strategy. Two types of modalization were frequent: the epistemic and the metaenunciative.

**Keywords:** Attenuation. Enunciation. Interaction.

## REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. *As não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BRIZ, A.; ALBELDA, M. Uma propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística em español y português: la base de um projecto en común (Es. Por. Atenuación). *Onomázein*, n. 28, p. 288-319, dez. 2013.
- BRIZ, A. et al. Ficha metodológica para el análisis pragmático de la atenuación en corpus discursivos del español: Es. Por. Atenuación. *Oralia*, n. 17, p. 1-44, 2014.
- HOFFNAGEL, J. A modalização epistêmica na construção de sentido: o caso do "eu acho (que: )". *Intercâmbio*, São Paulo, v. 6, 1997.
- NEVES, M. H. de M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- NEVES, M. H. de M. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

Recebido em setembro de 2018.

Aprovado em setembro de 2018.